

Vida boa!

Texto: Mateus 5.1-12

INTRODUÇÃO

A **importância** da passagem: De tudo que Jesus pregou e ensinou este **ensino** é o **mais extenso** (três capítulos, 5-7) e por isso, já apreciado pelos Evangelistas Mateus e Lucas, como de suma importância.

A **ocasião específica** do sermão é o **ensino de Jesus para os seus discípulos no pano de fundo das multidões** (5.1-2) que evidentemente também escutam, e mais importante ainda, diante da alternativa religiosa dos **escribas e fariseus** (cf. 7.28). Sabemos que os fariseus se entraram na igreja primitiva pelos milhares (At 21.20) e que isso levou Paulo, e depois provavelmente os Evangelistas, a dá especial atenção aos perigos duma vida cristã vivida pela lei ao invés da graça de Deus.

Características dos fariseus (sete aís):

1. não mostram o caminho para o reino do Céu (Mt 23.13)
2. fazem longas orações para disfarçar a sua exploração das viúvas e o roubo dos seus bens (Mt 23.14)
3. são evangelistas (!) de candidatos mais infernizados que eles próprios (Mt 23.15)
4. são hipócritas e interesseiros no dinheiro do templo que no culto em si ao ponto de pregar o dízimo (o imposto agropecuário) e não ligar com a generosidade de todos os seus bens e talentos (Mt 23.16-24)
5. são superficiais, mais preocupado com o exterior que o interior (Mt 23.25-26)
6. são “puritanos” só para inglês ver, não genuinamente (Mt 23.23-27)
7. finjam ser inocentes mas são da mesma raça que matava os profetas (porque seguem a tradição e não a voz ativa de Deus (Mt 23.29-34; cf. Mt 15.3-6)

No fim, eram religiosamente orgulhosos (Mt 23.1-8; cf. Mt 16.11-12). Por isso, Jesus disse – “**Cobras venenosas, nunhada de cobras! Como esperam escapar da condenação do inferno?**” (Mt 23.33 exceções: Nicodemos, Gamaliel, José de Arimatéia)

O **conteúdo** do Sermão do Monte se revela pelo **uso repetido**, logo no início, sem maiores introduções, do termo, “**bem-aventurado**” (“**sortudo**”) ou na NTLH, “**felizes**”. Indica que Jesus está tratando fundamentalmente do “bem-estar” dos seus seguidores, isto é, como viver uma vida humana “feliz” ou “**bem-sucedido**” no sentido mais pleno e ao máximo.

A INTEGRIDADE É A FONTE DA VIDA BOA (vv. 3-12)

No **Sermão do Monte**, “**bem-aventurado**” é uma **exclamação**: “que **alegria!**”; “que **bem-estar!**”; “que **altas forças!**”, “**nossa!**” “que **vida boa!**”. Popularmente, a palavra,

makários se referia à honra e à estima de alguém. No grego clássico por exemplo, é usada para distinguir os deuses dos homens. Eles que tinham a vida boa, e não a “vida de cachorro”. Depois dos deuses, eram os ricos que tinham uma vida boa. Sem dúvida, as pessoas religiosas entenderam vida boa de outro jeito. Os fariseus, por exemplo, provavelmente o principal alvo de Jesus ao pregar este sermão, entenderam que a vida boa era uma vida de obediência as leis de Deus do jeito que eles entenderam. Jesus, entretanto, achou que a vida boa dos fariseus não passava de mesquinhez, hipocrisia, orgulho, e francamente muito chato.

A alternativa que Jesus propôs ao padrão da vida religiosa dos fariseus tinha tudo a ver com o conceito de “vida boa”, da “felicidade” que ia além da mera emoção, da vida “bem-aventurada”. Acredito que começou aí porque assim tocou no nervo central de toda a raça humana, a procura pela felicidade. E nos deu uma espécie de receita da vida boa, não uma receita fechada ou mecânica, mas bons exemplos, e exemplos irônicos e surpreendentes do que seria realmente a vida boa.

Ao mesmo tempo, ele aparentemente **distinguiu** entre a *felicidade* e a mera emoção no sentido mais banal do *prazer físico ou químico*. **Uma vida feliz é uma vida bem-aventurada, íntegra, e saudável**. Envolve uma satisfação de longo prazo que consegue conviver num ambiente de outra sorte desagradável, como a desigualdade, o choro, a opressão, a injustiça, os mal-tratos, brigas e até perseguição. A **distinção com o prazer** aparece no versículo 12, onde Jesus encoraja os felizes que são perseguidos a regozijarem-se e a exultarem. Aqui o prazer não é algo necessariamente negativo. Não é. Jesus encoraja o regozijo e a exultação. Entretanto, essas são experiências externas e geralmente de curta duração. Se o prazer corresponde à **emoção**, a felicidade corresponde ao **sentimento**. Ora, o prazer é bom, entretanto, o sentimento é melhor e é para a vida, mesmo na ausência do prazer. Resumindo, a felicidade é fundamental para uma vida saudável e, embora auxiliada pelo prazer, não depende sempre dela.

Os relacionamentos são as chaves da felicidade. As bem-aventuranças só podem ser exercitadas através dos relacionamentos. Não existe felicidade em isolamento. Somos criaturas sociais desde a criação, feitas para conviverem, não apenas viverem. Cada “bem-aventurança”, diferente do conceito popular de “vida boa” exige R-E-L-A-C-I-O-N-A-M-E-N-T-O. Jesus nunca advogava uma vida cristão nos moldes do mosteiro. O calor humano, o tato, a conversa boa, o apoio mútuo, estes são a engrenagem e o motor da vida humana, inclusive da vida cristã. A diferença é, qe para os discípulos de Cristo, nosso supremo relacionamento com Jesus é o combustível da vida boa.

Vejamos 8 ou 9 ingredientes exemplares (não exaustivos) da vida boa para nós, discípulos de Jesus:

1. Os **humildes de espírito (v.3)**¹ são os “pobres em espírito” que exercem a sua humildade discretamente e através dos seus relacionamentos justos. O **contrário** seria a arrogância dos fariseus e escribas (v.20)² que exercem a sua “justiça” mínima e portanto falsa para todo mundo ver para ganhar elogios. A **conseqüência** da humildade é o “reino dos céus”. Não existe conceito melhor que o céu que encarna a imaginação da felicidade. É vida vívida já. E é reconhecimento *por Deus* já!³ A verdadeira felicidade é tratar de modo justo e altruísta o seu próximo, não para ganho e reconhecimento próprio, mas para o bem do próximo.
2. Os que **choram (v.4)**⁴ são aqueles que se preocupam pela maldade que pessoas praticam ao ponto de chorar diante de Deus pela sua misericórdia que possa contornar a situação.⁵ O **contrário** seria a “obediência” mínima e portanto falsa dos escribas e fariseus.⁶ Certamente o choro é alta expressão da emoção, uma emoção que possui rica potência para purificar. A **conseqüência** do choro é o consolo, que **Isaías 61.3** descreve como uma “coroa”, como “óleo de alegria”, e como “veste de louvor”. No ocidente, lamentavelmente somos educados a nos esconder quando choramos. Talvez através dos noticiários da televisão vocês já repararam que até hoje no Oriente Médio as pessoas não escondem o seu choro. De outra sorte o seu poder terapêutico se diminui. Nas bem-aventuranças aqueles que choram, choram dentro e diante dos relacionamentos doentios, e choram para pedir a Deus, em favor dos ímpios, a sua misericórdia.
3. Os **mansos (v.5)**⁷ não são pessoas “delicadas” como pensamos na mansidão hoje. Pelo contrário, os mansos possuem uma postura forte de confiança e auto-entrega ao Senhor (**Salmo 37.5**). O **contrário** de mansidão é a auto-independência e o egocentrismo. Jesus disse que os mansos “herdarão a terra”, que é uma referência à prosperidade, não necessariamente material, mas certamente emocional.⁸
4. Quem tem **fome e sede da justiça (v.6)**⁹ são aqueles cujo **desejo** de se relacionar com os outros de modo justo e benéfico **arde** no coração. “Fome” e “sede” são figuras fortes do sentimento e do desejo. Um pouco mais adiante, Jesus disse que a justiça dos seus discípulos deveria *exceder em muito* a dos escribas e fariseus (v.20). O **desejo ardente** aqui é essencial, e a **conseqüência** deste desejo é a fartura!¹⁰

¹ Isaías 11.4; 57.15; Isaías 61.1 (texto massorético) lê “pobre”; 66.2; 1QH18.14-15.

² Tiago 1.10; 2.1-4; 5.1-3.

³ Veja o contraste em Mateus 6.1-5, 16-18.

⁴ Isaías 61.1-9, 2-3.

⁵ Isaías 59-61.

⁶ Mateus 5.17-20.

⁷ **LXX** Isaías 61.1 lê “manso”; Salmo 37.5-11. As palavras hebraicas para “pobre” e “manso” são grandemente sinônimos e ortograficamente quase indistinguíveis (*aniy* = “manso” e *anav* = “pobre”, sendo a diferença entre um “yod” e um “vav”).

⁸ Efésios 6.1-3.

⁹ Isaías 49.10; 55.1-4; 65.13.

¹⁰ Isaías 61.9-11; Apocalipse 3.20.

Vida boa! Mateus 5.1-12

5. Os **misericordiosos** (v.7)¹¹ são aqueles que possuam empatia, perdoadando os outros e procurando aliviar o sofrimento dos outros. Obviamente a misericórdia e a empatia não funcionam no isolamento. Mas necessitam de pessoas. Logo envolvem relacionamentos e envolvem o sentimento. O **contrário** dos misericordiosos são os egoístas que Jesus denuncia depois, que acumulam tesouros “na terra” (6.19-21). O **resultado** duma vida misericordiosa é a empatia, o perdão e o alívio que vem dos outros e ultimamente de Deus.
6. Os **limpos de coração** (v.8) no Salmo 24.3-6¹² são os “limpos de mãos” e os “puros de coração”, isto é, quem não esconde nada, portanto, quem não é falso nem mentiroso (cf. 6.21-22). Por trás da frase, “limpo de coração”, está o termo aramaico, “quebrantado de coração”¹³. Ao falar “coração”, logo está lidando com a emoção. O relacionamento com os outros vem a tona na referência de “não esconder nada”, isto é, de alguém. O **contrário** do limpo de coração é a falsa contrição dos hipócritas no jejum que Jesus expõe no próximo capítulo (6.16). Quem tem coração limpo ou puro, ou mão limpa, **consegue** “enxergar” o próprio Deus (repare qual é o instrumento de visão espiritual!).¹⁴ **Como é bom poder ver Deus ao seu redor e nas mínimas coisas porque o coração não está cheia de falsidade onde Deus não pode habitar!**
7. Os **pacificadores** (v.9)¹⁵ preservam ou restauram as amizades. Sua postura é **contrária** à do vingador e de quem odeia um inimigo que aparecem depois no capítulo.¹⁶ Os pacificadores serão chamados “filhos de Deus”(!) porque demonstram algo da essência do caráter de Deus.¹⁷
8. Os **perseguidos por causa da justiça** são especialmente enfatizados por Jesus porque aparecem em **três versículos**, ao invés **dum só** (vv.10-13).¹⁸ Eles sofrem zombaria, desprezo e acusação falsa, sendo por enquanto desprezados ao invés de premiados já pelos elogios humanos recrutados pelos hipócritas (6.5). Ninguém se persegue sozinho. Envolve relacionamento. Também envolve a dor, uma das duas emoções fundamentais (a outra é o prazer = felicidade). O seu elogio será muito maior que o elogio dos hipócritas, pois o seu galardão está no “céu”, a dimensão maior de toda categoria humana.

¹¹ Veja Salmo 18.25 onde “benigno” literalmente é “misericordioso”. Cf. Mateus 6.2-4; 25.31-46; 9.27; 15.22; 17.15; 20.30-31.

¹² Cf. Salmo 34.18.

¹³ Isaías 61.1.

¹⁴ Apocalipse 22.4.

¹⁵ Cf. Mateus 5.23-24, 38-42, 44-48; 6.12-15; 7.1-5; Salmo 34.14b, o “bem-aventurado” em Mateus 5.8b; Provérbios 10.10; Tiago 3.18.

¹⁶ Mateus 5.38-47.

¹⁷ Oséias 2.1; 1.10.

¹⁸ Cf. Salmo 15.1; Isaías 51.7a; 2Crônicas 36.16; Hebreus 11.32-38.

São **oito ou nove** bem-aventuranças? Creio que todas podem ser resumidas em **um só** preceito: “**Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.**” (Gálatas 5.14)¹⁹

O **relacionamento orientador** de todos é o relacionamento, acima de tudo, **com Jesus** (cf. v.10 “**por causa da justiça**” e v.11, “**por minha causa**”). Este relacionamento superior é pressuposto em todas as “bem-aventuranças” embora seja **explícito** apenas no **versículo 11**.

A MISSÃO É O PROPÓSITO DA FELICIDADE (vv.13-16)

A felicidade não é fim em si. Mas as bem-aventuranças, ou as felicidades (**vv.1-12**), que **preparam** os discípulos de Jesus para a sua missão como “sal da terra” e “luz do mundo” nos versículos seguintes (**vv.13-16**). No mínimo o sal e a luz apontam para os sentidos e para a percepção. O sal se saboreia e a luz se vê. Isto é, o estabelecimento do reino de Deus é percebido, saboreado, experimentado e visto na vida de relacionamentos dos discípulos. Sé não há felicidade plena sem relacionamentos saudáveis, também não há missão sem relacionamentos. Isto parece dizer o óbvio, mas por um mistério é preciso repetir o óbvio. Afinal Jesus repetiu e elaborou através de cada uma das bem-aventuranças.

Nós cumprimos nossa “missão” à medida que cultivemos relacionamentos que espelham o amor de Deus pela humanidade. E assim cumprimos o nosso papel como *humanos*, isto é, como seres criados a imagem e a semelhança de Deus que criou na sua pluralidade (“Criamos...” **Gênesis 1.26**), e que nos criou na nossa pluralidade (“homem e mulher, os criou” **Gênesis 1.27**).

CONCLUSÃO

Pensando **individualmente**, é bom lembrar que todo ser humano busca a satisfação, a auto-realização e a felicidade. Você e eu buscamos a felicidade. Jesus falou direta e repetidamente como e onde achá-la. Você está procurando no lugar certo? Está procurando do jeito certo?

Pensando na **igreja** como um todo, podemos refletir sobre a importância duma vida guiada pelos princípios que Jesus estabeleceu no sermão do monte. Podemos também, procurar exteriorizar, sem embaraço, e sem medo de ser feliz, a felicidade que uma vida bem-aventurada da igreja pode proporcionar, por exemplo, através do nosso **culto** onde expressamos com os corpos e com a emoção a felicidade que Jesus nos traz. Se esta felicidade é expressada nos relacionamentos, então as células e a Ceia fornecem ótimas oportunidades de expressar e desenvolver a alegria cristã.

Mensagem pregada na IPI do Estreito no dia 4 de setembro, 2005

¹⁹ Cf. Romanos 13.8, 10; Mateus 5.43-48; 22.37-39 e par.
Vida boa! Mateus 5.1-12

Revisada, adaptada e pregada novamente na IPI do Estreito no dia 21 de junho de 2009

Obras consultadas:

- ALLEN, Charles L. *The Sermon on the Mount*. Westwood: Fleming H. Revell, 1966.
- ALBRIGHT, William Foxwell, e MANN, C. S. *Matthew. Introduction, Translation and Notes*. Garden City, N.Y.: Doubleday & Company, 1971.
- DAMASIO, Antonio. *O erro de Descarte: emoção, razão, e o cérebro humano*. São Paulo, 1994.
- _____. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si* (2000).
- _____. *Em busca de Spinoza: prazer e dor na ciência dos sentimentos* (2004).
- FILSON, Floyd V. *A Commentary on the Gospel according to St. Matthew*. London: Adam & Charles Black, 1960.
- GUNDRY, Robert H. *Matthew. A Commentary on His Literary and Theological Art*. Grand Rapids: Eerdmans, 1982.
- MALINA, Bruce. *The New Testament World. Insights from Cultural Anthropology*, Atlanta: John Knox Press, 1981, pág.s 118-119.
- MALINA, Bruce and ROHRBAUGH, Richard L. *Social Science Commentary on the Synoptic Gospels*, Minneapolis: Fortress Press, 1992, pág.s 50-51.
- STOTT, John R. W. *Christian Counter-Culture*. Downers Grove: InterVarsity, 1978.